



O PRECONCEITO DENTRO DA COMUNIDADE LGBTQIA+

Prejudice within the LGBTQIA+ community

Clairton Puntel*

Marcus Levi Lopes Barbosa**

Morgana Konrath***

Resumo: Vivemos atualmente em um período de polarização de opiniões em diversas áreas, sendo uma delas o tema da nossa pesquisa, a orientação sexual. O objetivo do estudo é descrever comportamentos e opiniões relacionadas a questões polêmicas sobre o tema de orientação sexual e o preconceito dentro da própria comunidade LGBTQIA+. Os sujeitos da amostra foram o proprietário, os trabalhadores e os frequentadores de uma boate na região metropolitana de Porto Alegre/RS. Foi utilizada como metodologia observação participante e um questionário semiestruturado. Seguiu-se um recorte das respostas dadas por um dos entrevistados na pergunta sobre o preconceito: “Não existe somente o preconceito da sociedade hétero em cima dos homossexuais, existe também o preconceito entre os homossexuais”. A partir dos relatos, observou-se que o preconceito relacionado à orientação sexual transcende os paradigmas e os estigmas de grupos heterossexuais. Ele ultrapassa também os muros de defesa estabelecidos pelo próprio público LGBTQIA+.

Palavras-chave: Inclusão Social. LGBTQIA+. Preconceito.

Abstract: We currently live in a period of polarization of opinions in several areas, one of which is the subject of our research, the sexual orientation. The aim of the study is to describe behaviors and opinions related to controversial issues on the topic of sexual orientation and prejudice within the LGBTQIA + community itself. The subjects of the sample were the owner, workers and frequenters of a nightclub in the metropolitan region of Porto Alegre/RS. It was used as methodology the participant observation and a semi-structured questionnaire. This was followed by an excerpt from

* Psicólogo, Mestre em Diversidade Cultural e Inclusão Social (Universidade Feevale), professor na Faculdades EST. E-mail: clairtonpuntel@hotmail.com

** Psicólogo, Doutor em Ciências do Movimento (UFRGS), professor na Universidade Feevale. E-mail: marcusl@feevale.br

*** Psicóloga, Mestranda em Diversidade Cultural e Inclusão Social, Bolsista Capes – Universidade Feevale. E-mail: psicomorganakonrath@gmail.com



the answers given by one of the interviewees in the question about prejudice: “There is not only prejudice in heterosexual society over homosexuals, but also among homosexuals”. From the reports, it was observed that the prejudice related to sexual orientation transcends the paradigms and stigmas of heterosexual groups. It also goes beyond the defense walls established by the LGBTQIA+ community itself.

Keywords: Social Inclusion. LGBTQIA+. Preconception.

Introdução

Vivemos atualmente em um período de polarização de opiniões em diversas áreas. Nesta situação os problemas sociais costumam ser analisados, discutidos e problematizados de maneira a confrontar a população. Entre os séculos XVIII e XIX, a sexualidade era posta como objeto de normatização em busca de um padrão de valores que ordenasse e originasse as atividades humanas. Esta forma de organização culminou na então chamada monogamia heterossexual, definindo-a como a sexualidade ‘normal’ e legitimando o casal homem-mulher como o perfeito representante deste modelo. Estaria assim criado o ambiente propício para que o saber médico e jurídico pudesse localizar e esquadrihar as sexualidades divergentes, atribuindo a elas um caráter de ‘anormalidade’¹.

Em 1952, a Associação Americana de Psiquiatria (APA)² publicou, em seu primeiro *Manual Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais*, que a homossexualidade era uma desordem, o que fez com que a orientação sexual fosse estudada por diversas áreas do conhecimento. Mas retirou-a da sua lista de transtornos mentais em 1973. Porém, a Organização Mundial da Saúde (OMS)³ incluiu o homossexualismo na classificação internacional de doenças de 1975 (CID), como uma doença mental.

Quando se aborda questões de gênero, sexo e orientação sexual, é importante que se deixe claro que se tratam de conceitos diferentes. Estes conceitos devem ser entendidos à luz da subjetividade e complexidade na formação de cada ser humano. Sendo assim, pode-se ressaltar que se tratando de sexo, remete ao sexo biológico do indivíduo, sua genitália⁴. Ser macho ou fêmea, ou ainda intersexo, são categorias que se estruturam a partir do critério da genitália com a qual o

¹ FOUCAULT, M. **A história da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: ed. Grall, 1988.

² AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders**. Washington, DC: American Psychiatric Association, 1952.

³ ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE – OMS. **Classificação estatística internacional de doenças: manual de lesões e causas de óbito**. São Paulo: Centro Brasileiro Classificação Doenças em Português. 9ª rev., 1975.

⁴ VIEIRA, T. R.; PAIVA, L. A. **Identidade sexual e transexual**. Barueri: Rocca, 2009.



indivíduo nasceu⁵. São informações cromossômicas, capacidades reprodutivas, órgãos genitais e características fisiológicas de cada indivíduo⁶.

A identidade de gênero é constituída através de aspectos socialmente e culturalmente consolidados. Esta construção se dá através de papéis, gostos, costumes, comportamentos e representações subjetivas de cada ser humano. Judith Butler, referência sobre o assunto, salienta que o gênero é reconhecido e assumido pelo sujeito, porém não se trata de uma escolha e, sim, de construção e de disputas de poder, pois afinal, o sistema de gêneros é hierárquico e conta com relações de poder. As identidades de gênero não se esvaem no binarismo “homem” e “mulher”. Existem sujeitos com mais de um gênero, transgêneros, com gênero fluído, como *as drag queens*, e o *genderqueer*, que abrem a perspectiva para novas formas de ser e remetem a subjetividade e singularidade dessa natureza⁷.

Quando se aborda o conceito de identidade de gênero, podem-se destacar alguns tópicos, como por exemplo, a rejeição pela ideia do determinismo biológico na ideia dos termos “sexo” e “diferença sexual”, a relação dimensional entre homem e mulher, entendendo que nenhuma compreensão sobre qualquer sexo poderia existir se não houvesse estudo de cada um, separadamente. Pode-se destacar também o foco no olhar social e cultural das diferenciações debruçadas sobre sexo, que corroboram para desnaturalizar o discurso biológico e as relações de poder que perpassam as assimetrias e hierarquias nas relações entre masculino e feminino⁸.

A orientação sexual caracteriza-se pela tendência afetiva e amorosa de cada sujeito, por qual gênero e sexo sente atração. Cabe ressaltar a forma correta de nomenclatura, sendo orientação sexual, e não opção sexual⁹. Refere-se a atração emocional, afetiva e sexual por indivíduos de diferente gênero, pelo mesmo gênero ou mais de um gênero¹⁰. Do ponto de vista histórico, quando se fala sobre sexo, gênero e orientação sexual, nota-se que passaram a ser mais observados no contexto de condição humana e em contexto de identidade cultural¹¹.

Cada país e cultura trata a questão da homossexualidade de maneira diferente. O Brasil, por meio do Conselho Federal de Psicologia, deixou de considerar a orientação sexual como doença ainda em 1985. No entanto, nos dias de hoje, percebe-se uma intensificação da intolerância em relação a esta diversidade cultural e sexual, uma vez que há incompreensão e dificuldade em aceitar

⁵ MONEY, J. **Science, and the sex police: Essays on sexology & sexosophy**. New York: Prometheus Books, 1998.

⁶ MARTINS, F. *et al.* **Manual de Comunicação LGBT**. Curitiba: Ajir, 2010.

⁷ BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

⁸ SOIHET, R.; COSTA, S. G. Interdisciplinaridade: história das mulheres e estudos de gênero. **Gragoatá**, Niterói, n. 25, p. 29-49, 2008.

⁹ VIEIRA; PAIVA, 2009.

¹⁰ MARTINS *et al*, 2010.

¹¹ LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

o pensamento e as ideias do outro¹². Esta dificuldade que os seres humanos apresentam acaba por gerar muitas discussões, as quais ao invés de se apresentar como promotoras de um pensamento crítico acabam gerando agressões morais e físicas entre as pessoas. Estes insultos e preconceitos constituem-se como ingredientes básicos na manutenção de estigmas em relação aos homossexuais¹³.

Estudar o comportamento da comunidade LGBTQIA+ e sua opinião relacionada ao polêmico assunto da orientação sexual é o pano de fundo do presente estudo. A discussão sobre a orientação sexual muitas vezes é vista de forma hostil pela população geral, indo contra os princípios de certos grupos da sociedade, defensores da manutenção da heteronormatividade como única possibilidade de constituição da identidade sexual, sendo preditora do significado de ser humano “saudável”.

Levando em consideração a questão histórica sobre o preconceito em relação ao homossexualismo e às questões sobre orientação sexual, foi elaborado este estudo com base em um experimento de observação participante com frequentadores de uma boate LGBTQIA+. O objetivo do estudo foi descrever o comportamento e ouvir opiniões relacionadas a tais questões de preconceito dentro da própria comunidade LGBTQIA+.

Metodologia

A metodologia utilizada foi com base na observação participante e entrevista semiestruturada. A observação¹⁴ é um exame minucioso e atento sobre um fenômeno no seu todo ou em algumas de suas partes. É também a captação precisa do objeto examinado bem como um olhar sustentado por uma questão ou suposição. As técnicas de observação variam por seu grau de estruturação e pelo grau de proximidade entre o observador e o objeto de sua observação.

Para tal, a amostra da pesquisa é composta por funcionários e frequentadores de uma boate LGBTQIA+. A média de idade dos sujeitos é de vinte anos. A escolha do local foi realizada por conveniência, uma vez que este local atrai um público considerável de pessoas da comunidade LGBTQIA+. O local é uma boate na região do Vale dos Sinos, com cerca de cinco anos de funcionamento. Os eventos ocorrem duas vezes por mês, sempre com uma temática específica. A observação ocorreu antes e durante alguns eventos. Os pesquisadores circularam por todos os ambientes, percorrendo tanto as pistas de dança, quanto as dependências particulares, como: camarins, *darkroom* e salas de jogos. Quanto às entrevistas, foram gravadas e anotadas no caderno

¹² GUIMARÃES, R. C. P. **Estigmas e diversidade sexual nos discursos dos (as) profissionais do SUS: desafios para a saúde da população LGBT**. 2018. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) – Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

¹³ CANDAU, V. M. F. Direito à Educação, Diversidade e Educação em Direitos Humanos. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 33, n. 120, p. 715-726, jul./set. 2012.

¹⁴ PESCE, L.; IGNÁCIO, S. **Observação como técnica e instrumento de coleta de dados**. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, 2009.



de campo e posteriormente transcritas. Para a discussão, iremos apresentar algumas das entrevistas realizadas.

Resultados

Primeiros contatos

Ao entrarmos em contato com o proprietário do local para averiguar a possibilidade de realizar as observações e entrevistas em sua boate, tivemos a impressão de ele estar um pouco receoso. Entendemos que o seu desconforto tenha relação com a especificidade do público que frequenta o local, muito diferente do que se considera tipicamente normal na sociedade, bem como em expô-los.

À primeira vista

Quando entramos no local, ainda estava vazio e nenhum dos funcionários havia chegado. Fomos recebidos pelo proprietário, o qual se apresentou caracterizado de mulher e por isso utilizaremos o gênero feminino para nos referirmos a ele. Conversamos durante alguns minutos, o suficiente para que seu depoimento causasse certa tensão com relação a suas várias opiniões sobre alguns assuntos. À medida que nosso diálogo acontecia, pudemos notar a sua “segurança” frente às suas opiniões, no entanto, pareceu-nos decepcionada quando nos falou sobre o preconceito frente às relações homoafetivas. Segundo seu relato:

“Hoje em dia as coisas estão mudando um pouquinho, principalmente aqui. Depois da nossa primeira parada gay, tivemos várias [...] Hoje em dia a gente tem uma lei que proíbe o preconceito e a rejeição de pessoas por opção sexual, pela forma que ela está vestida, então hoje em dia a pessoa não pode mais ser proibida de entrar em local público [...] então hoje em dia mudou muito comparado com o que era há sete anos. Mais o ponto principal que a gente mais luta ainda é o preconceito, mas fora isso a gente tem várias coisas que a gente pode citar que é um estilo de vida, na verdade não é uma escolha que tu faz, ser gay não é uma escolha, tu nasce gay, não é uma doença que tu pega, tu nasce assim, tu só aceita ser assim ou não [...] eu já tive uma vida hétero, agora vivendo assumidamente gay, acho que é uma vida bem mais alegre, bem mais divertida.” (Entrevista 01, caderno de campo, p. 41)

Quando questionada sobre as relações homoafetivas, estilo de vida e a diferença em relação a pessoas heteros, ela tem a seguinte opinião:

“Então é um estilo de vida diferente [...] Sobre a união homoafetiva, por mim não sou contra, mas não me vejo casada. Mas é uma coisa legalizada, é uma conquista porque, se os heteros podem, nós gays também podemos. Acredito que todos os direitos que vierem para nos igualar são positivos, apesar de eu não achar que nós temos alguma coisa diferente deles. Mas a única diferença que temos dos heteros é que nós sabemos aproveitar a nossa vida no momento em que nos assumimos”. (Entrevista 01, caderno de campo, p. 52)

Na pergunta onde foi tratada a questão do preconceito, ela se posiciona da seguinte forma:



“Não existe somente o preconceito da sociedade hétero em cima dos homossexuais, existe também o preconceito entre os homossexuais. As pessoas simplesmente não se aceitam, isso inclusive ocorre no meu relacionamento com o meu namorado. A maioria dos amigos dele sabe que ele namora comigo, mas ele não sai num lugar público de mãos dadas comigo, ou seja, a gente mesmo não se aceita. As pessoas acham que se aceitar é escrever na testa ‘eu sou veado’ e sair pulando, botando uma saínda e sair pulando, mas não é assim. Eu mesmo só falo se me perguntarem se eu sou gay.” (Entrevista 01, caderno de campo, p. 72)

O preconceito

À medida que a entrevista transcorria os funcionários chegavam à boate e pudemos perceber um imenso respeito deles por ela. Constatamos mais tarde que os *barmen* com quem falamos não eram gays, o que nos deixou surpresos. Em um depoimento obtido de uma garçonete em a relação à sociedade que não aceita as pessoas homossexuais, ela responde:

“É bem complicada esta questão pelo fato de que determinadas pessoas consideram o público homossexual como seres promíscuos. O medo das pessoas com relação ao peso do preconceito é tão grande que acaba resultando no ocultamento da verdadeira sexualidade”. (Entrevista 09, caderno de campo, p. 82)

Assim que a entrada do público foi liberada, pudemos perceber como as pessoas que frequentam o local se sentem bem em estar lá. Conforme demonstra o relato do frequentador “A”:

“[...] Quando eu vou numa festa GLS eu me solto muito mais pelo simples fato de ter pessoas aqui que curtem a mesma coisa que eu. Os heteros nos enxergam como seres ‘anormais’, ainda mais quando estão em grupos. Mas se você for conversar com um hetero quando ele está sozinho, o posicionamento dele é diferente [...] porque no grupo ele quer mostrar que ele é o ‘machão’, que ele é o ‘todo-poderoso’ [...] quando ele está sozinho, você vai ver que ele tem um pensamento totalmente diferente, até mais aberto”. (Entrevista 11, caderno de campo, p. 39)

Quando questionado sobre a questão do preconceito existente no próprio grupo LGBTQIA+, o frequentador “D” diz:

“Eu acho que existe muito preconceito dentro do grupo homossexual. Os homossexuais em si, aqueles que parecem mais com heterossexuais, têm muito preconceito com os ‘afeminados’, com as travestis e com os transexuais. Eu acho totalmente errado os homossexuais reivindicarem seus direitos bem como a punição do preconceito se eles mesmos não se dão ao respeito, ou seja, têm preconceito das pessoas do próprio grupo [...]” (Entrevista 02, caderno de campo, p. 68)

Conclusão

O objetivo do estudo foi descrever o comportamento e opiniões relacionadas a questões polêmicas sobre o tema de orientação sexual e o preconceito dentro da própria comunidade LGBTQIA+ a partir de uma observação participante com frequentadores de uma boate. A partir dos relatos, observou-se que o preconceito relacionado à orientação sexual transcende os paradigmas e os estigmas de grupos heterossexuais. Ele ultrapassa também os muros de defesa estabelecidos pelo próprio público LGBTQIA+, ramificando-se no cerne da questão: aceitar-se independe do outro



exige que cada sujeito possa, antes de tudo, aprender a olhar para si mesmo, aceitando o que vê. Isso demonstra que o pré-conceito e o julgamento existem dentro do próprio meio em que o sujeito está inserido, fazendo com que questões de conduta e de orientação sexual causem desconforto e desagrado pelo próprio público LGBTQIA+. Entretanto, quando o público LGBTQIA+ está sendo relacionado a questões polêmicas sobre o tema de orientação sexual, a perspectiva de preconceito muda e a união dentro do público prevalece. Contudo, trabalhos que investiguem grupos de sujeitos segregados e minoritários contribuem para um debate mais amplo e considerando inúmeras perspectivas. Com isso, espera-se que a igualdade, o respeito e a conscientização prevaleçam independentemente da orientação sexual.

Embora outros estudos sejam necessários para confirmar este entendimento, os indícios obtidos no contexto deste trabalho podem ser úteis a profissionais que se interessem pelo tema. A pesquisa teve limitações no que se refere aos números de sujeitos entrevistados, apesar do grande número de frequentadores da boate que estavam presentes nos dias da coleta (cerca de quinhentas pessoas), poucos concordaram em colaborar. Também teve limitações no que se refere à boate, pois realizamos a coleta de dados em uma única boate, fazendo com que as informações obtidas não representem a realidade de outras boates. Pesquisas futuras serão necessárias para explorar ainda mais essa temática.

Referências

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders**. Washington, DC: American Psychiatric Association, 1952.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CANDAU, V. M. F. Direito à Educação, Diversidade e Educação em Direitos Humanos. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 33, n. 120, p. 715-726, jul./set. 2012.

FOUCAULT, M. **A história da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: ed. Grall, 1988.

GUIMARÃES, R. C. P. **Estigmas e diversidade sexual nos discursos dos (as) profissionais do SUS: desafios para a saúde da população LGBT**. 2018. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) – Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

MARTINS, F. *et al.* **Manual de Comunicação LGBT**. Curitiba: Ajir, 2010.

MONEY, J. **Science, and the sex police: Essays on sexology & sexosophy**. New York: Prometheus Books, 1998.



ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE – OMS. **Classificação estatística internacional de doenças**: manual de lesões e causas de óbito. São Paulo: Centro Brasileiro Classificação Doenças em Português. 9ª rev., 1975.

PESCE, L.; IGNÁCIO, S. **Observação como técnica e instrumento de coleta de dados**. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, 2009.

SOIHET, R.; COSTA, S. G. Interdisciplinaridade: história das mulheres e estudos de gênero. **Gragoatá**, Niterói, n. 25, p. 29-49, 2008.

VIEIRA, T. R.; PAIVA, L. A. **Identidade sexual e transexual**. Barueri: Rocca, 2009.

Recebido em: 23 jun. 2022

Aceito em: 28 jul. 2022